

# Primeiras Palavras

CAROLINE CARVALHO E PEDRO ZUAZO

**A**o completar 40 anos, o Reggae virou tema da **Eclética** nessa edição de número 26, em que nossa revista se alia às novas tecnologias e passa a ser virtual. Para inaugurar a nova fase, a equipe da **Eclética** decidiu dar leveza ao seu primeiro número na internet e trazer uma efeméride pouco lembrada pela mídia.

No artigo de abertura, mostramos porque o marco oficial do Reggae se deu em 1968 se a complexa mistura de estilos musicais da Jamaica e de outros lugares do mundo, que deu origem ao gênero, aconteceu muito antes. Em seguida, você vai conferir discussões sobre a disseminação da religião Rastafári e a manifestação cultural que existe por trás da música jamaicana.

Não poderíamos deixar de dedicar um artigo ao palco de origem desse ritmo, a ilha da Jamaica, que, além de belezas naturais, pode ser admirada pelo histórico de transformações culturais, políticas e econômicas. Outros textos apresentam as bandas e estilos que sofreram influências do Reggae e, mais especificamente, as raízes brasileiras do gênero musical.

Bob Marley é considerado por alguns a figura mais importante da música do século XX. Será que algum outro artista seria capaz de unir pessoas nos cinco continentes para prestar tributos todos os anos? Além de um artigo inteiramente dedicado ao pai do Reggae, a revista traz uma reportagem sobre a maior banda não jamaicana desse gênero, o grupo britânico UB40, que popularizou o ritmo entre os ingleses brancos de classe operária.

Das lutas políticas à história, passando por cultura e religião, com informações sobre a ilha jamaicana, **Eclética** traz indicações inéditas para compartilhar com você sobre o Reggae. Entre neste ritmo e leia os artigos que foram redigidos pensando em quem não dispensa informações de boa qualidade.

Boa leitura!



## Sumário

|                                                         |    |
|---------------------------------------------------------|----|
| A MÚSICA TROPICAL TEM INÍCIO NO ANO QUE NÃO ACABOU..... | 2  |
| A CRISE DOS QUARENTA .....                              | 7  |
| POR TRÁS DA MÚSICA, UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL .....     | 10 |
| JAMAICA ,TERRA QUE AMAMOS .....                         | 14 |
| O REGGAE DE RAÍZES BRASILEIRAS .....                    | 18 |
| ÍCONE DO REGGAE SE MANTÉM VIVO .....                    | 21 |
| REGGAE DE RAIZ NA TERRA DA RAINHA .....                 | 28 |



ECLÉTICA É UMA REVISTA SEMESTRAL DOS ALUNOS DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PUC-RIO, ESSE NÚMERO FOI PRODUZIDO PELAS TURMAS DE 2008.1 DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, DA DISCIPLINA DE EDIÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO.

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROF. CÉSAR ROMERO JACOB

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
PROF. FERNANDO SÁ

DIAGRAMAÇÃO E CAPA  
PROF. AFFONSO ARAÚJO • D'APRES ROBERLAN

ALUNOS EDITORES  
CAROLINE CARVALHO E PEDRO ZUAZO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
RUA MARQUÊS DE S. VICENTE, 225 – ALA KENNEDY  
6º ANDAR – GÁVEA – RIO DE JANEIRO – RJ  
CEP: 22453-900 – TEL.: (21) 3527-1603



# A música tropical tem início no ano que não acabou

CAROLINE CARVALHO E JÚLIA BRAGA

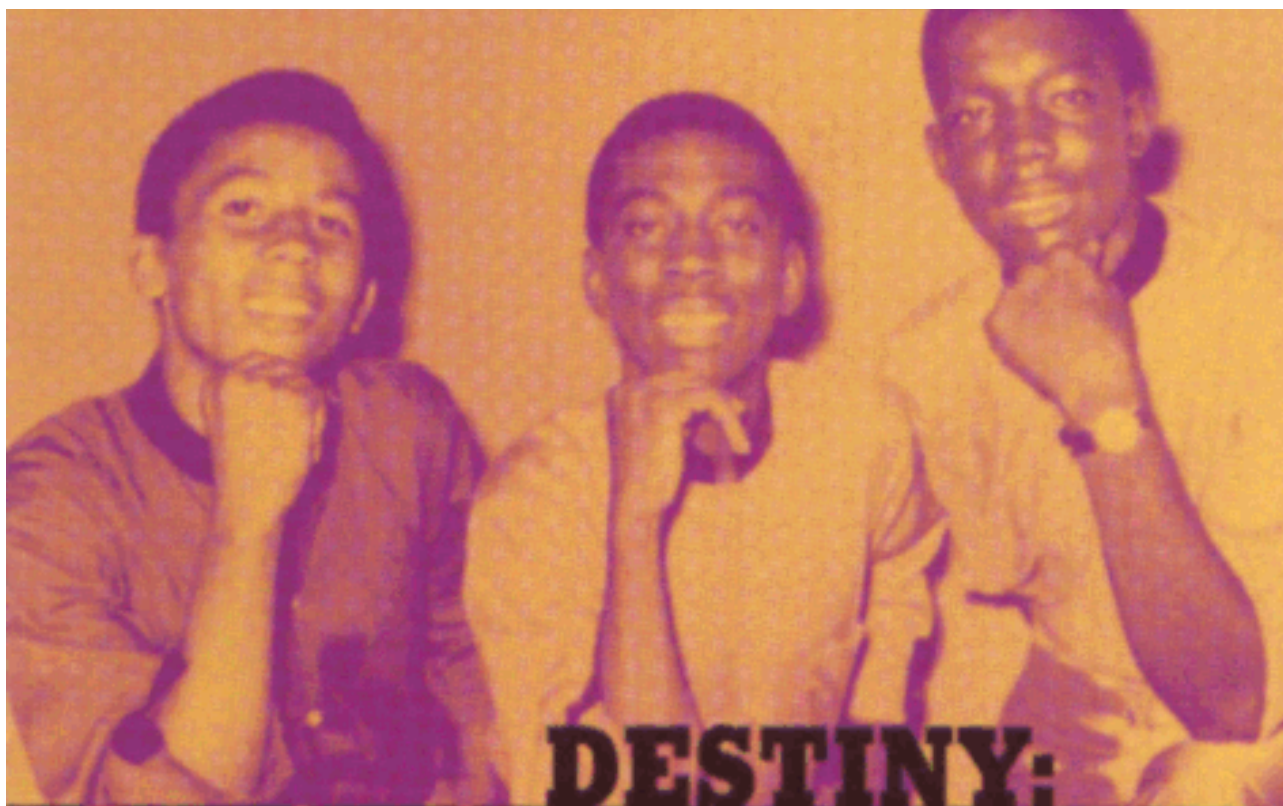
**D**o sol caribenho vem uma melodia leve, suave, envolvente. Com canções que exaltam citações a Jah, Bíblia, amores e política, o Reggae desperta a curiosidade onde é tocado. Mas sua história começa bem antes da música *Do the raggay* dar nome ao gênero,

em 1968. Na realidade, o Reggae é uma mistura de estilos musicais da Jamaica e do mundo.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os aparelhos de rádio ganham maior popularidade na ilha, e a população entra em contato com músicas norte-americanas, devido às bases militares dos

EUA lá instaladas. Assim, ritmos como o Rythmn and Blues, ou R&B, caem no gosto do povo jamaicano e, mais tarde, ajudam a constituir o que hoje conhecemos como o Reggae.

A Jamaica foi descoberta por Cristóvão Colombo em 1494 e dominada por espanhóis até



Bob Marley, Neville Livingstone e Peter Tosh

1660, quando os ingleses tomaram o poder na ilha. Com eles, chegaram de além mar outros elementos fundamentais e influentes para o Reggae, como instrumentos musicais – a rabeca, por exemplo – e canções tradicionais da música popular européia.

Junto às influências européias e norte-americanas, havia a africana. Embora a abolição da escravidão tenha acontecido na Jamaica, em 1834, os descendentes de africanos ainda cultivavam tradições de seus antepassados. Nessa mistura de ritmos e costumes, ia nascendo uma cultura musical, os gêneros mais populares na época eram o Mento e o Calypso, ritmos basicamente caribenhos. O Mento era chamado de “folk jamaicano” e considerado um som mais rural. Usava instrumentos como o banjo, batoque, violão e rumba, além de muito vocal.

### Influências

A grande contribuição do Mento na Jamaica foi impulsionar a criação da indústria fonográfica na ilha, já que os primeiros discos lançados por lá foram desse estilo. No entanto, na primeira metade dos anos 1950 acontecia uma migração considerável da população do interior para as grandes cidades e o estilo, associado com as durezas da vida no campo, não conseguiu manter seu lugar entre os jamaicanos. Consegue sobreviver como uma relíquia musical e, ocasionalmente, aparece na mídia com alguma apresentação de grupos como o Jolly Boys.

O Calypso carregava mais da tradição espanhola, já que tinha origem em Trinidad e Tobago. Porém, este estilo traz um marco cultural: através da música, os escravos africanos – proibidos de se comunicar – criavam um senso de comunidade. Apesar de o consenso ser o de

que o Calypso tem origem negra, muitos autores garantem que, na verdade, ele surgiu de uma evolução da música de trova francesa medieval. As primeiras gravações foram em 1914, e inauguraram a era de ouro do Calypso. Em 1956, a música *Jean and Dinah*, de Mighty Sparrow, virou hit internacional.

Já o Ska é um estilo que nasceu ligado ao período de grande entusiasmo e afirmação dos valores culturais locais, numa época em que a Jamaica fervilhava de talentos musicais. Com uma batida marcada e dançante, misturava elementos africanos com o R&B de Nova Orleans.

Seu nome – *Ska* – é rodeado de mistérios. Alguns dizem que seria uma onomatopéia que imita a forma peculiar de tocar guitarra (também chamada de *tchaka-tchaka*), enquanto outros juram que sua origem estaria na gíria das ruas, e seria uma abreviatura



*The Wailing Wailers*

da interjeição de aprovação “ska-voovie”. De qualquer modo, o ritmo conquistou primeiro os guetos jamaicanos, onde nasceu, e logo seria aceito em toda a ilha.

O Rocksteady é o nome dado normalmente ao ritmo que dominou as paradas jamaicanas entre o Ska e o surgimento do Reggae, mais exatamente entre o fim de 1966 e a metade de 1968. Sua principal diferença para o Ska é a de ter um ritmo mais lento. Possivelmente, o nome Rocksteady não tenha vingado porque seria confundido com o Rock n’ roll, ou talvez porque os jamaicanos gostassem mais do nome Reggae. Ou as duas coisas juntas.

Existem muitas versões para a origem do nome Reggae, entretanto, a mais aceita seria a de que este nome foi uma adaptação da palavra “ragged”, que indica uma roupa suja e rasgada, ou a

pessoa que a usa. O nome pode ser uma indicação das origens do estilo musical, que nasceu nos barracões de zinco das favelas jamaicanas, mais especificamente na capital, Kingston.

Foi justamente em uma dessas favelas, a Trench Town (ou Cidade do Esgoto, chamada desta forma por ter sido construída sobre as valas que drenavam os dejetos da parte antiga da cidade), que Robert Nesta Marley, ou simplesmente Bob Marley, conheceu Neville O’Riley Livingston, mais conhecido como Bunny. Mais tarde, os dois fundariam a banda inicialmente chamada de Wailing Wailers, juntamente com Peter Tosh, Junior Braithwaite e dois backing vocals, Beverly Kelso e Cherry Smith. Seu primeiro *single*, *Simmer Down*, foi lançado no fim de 1963. Em janeiro do ano seguinte,

ela já era a música mais tocada na Jamaica, posição que ocupou por mais de dois meses.

Anos depois, em 1967, Bob Marley, Bunny e Peter Tosh fundaram a mundialmente famosa The Wailers. Juntos, compuseram canções espirituais e sociais, que espalhavam as mensagens do Rastafarianismo pelo mundo. Bob Marley, hoje considerado o “pai” do Reggae, pregava a paz, a solidariedade entre os povos, o amor universal e a valorização de todos os signos vinculados à afro-cultura. Esse período inicial é chamado de *roots* Reggae (Reggae de raiz) ou simplesmente *roots*.

### **1968 – O real começo**

Há quem arrisque dizer que foi a partir de Bob que o Reggae se constituiu tal como o entendemos até hoje. Mas o que é verdade e pode ser afirmado é que a situação econômica, social e cultural da ilha jamaicana teve forte influência. As letras se modificaram, se tornaram mais impacientes e contundentes, e bem menos inocentes, ainda que pregassem o amor. A grande maioria das letras desse estilo traz mensagens de cunho político e social. Havia uma grande expectativa por uma vida melhor, alimentada pela independência da Jamaica. Mas o que se via era diferente, o êxodo rural se intensificava, o desemprego aumentava e as condições de trabalho não melhoravam. Os artistas, antes meros divulgadores de música, tornavam-se porta-vozes da desilusão e da indignação do povo jamaicano e influíam no direcionamento destes sentimentos. O movimento religioso conhecido como Rastafári (veja artigo neste número) também foi um fator marcante e que alcançou grande repercussão entre a população de baixa renda e os artistas. O comprometimento com a denúncia e

com as transformações sociais, aliadas à mensagem religiosa, se tornaram os fundamentos do Reggae. O ano de 1968 é considerado como o da “criação” real do Reggae, a partir da música *Do the reggay*, de Toots e os Mayatalls, que deram nome ao novo movimento musical que surgia.

Para Léo Vidigal, professor da UFMG e pesquisador do Centro de Estudos Caribenhos do Brasil (CE-CAB) da Universidade Federal de Goiás, o ano de 1968 é marcante para este estilo de música: “1968 marcou a emergência e a difusão de uma perspectiva anticonformista e transformadora que encontrou no Reggae um veículo privilegiado, contribuindo para a conscientização da humanidade em geral, tendo sido particularmente atuante nas lutas anticolonialistas no continente africano e para a afirmação do povo negro como capaz de direcionar sua própria história”.

Foi também nesta época que muitos artistas saíram do campo, do interior da Jamaica, e trouxeram para a cidade uma sensibilidade diferente e uma carga cultural local mais intensa. Alguns vinham de comunidades com forte influência da cultura rural, que ainda ouviam bastante o Mento, diretamente ligado à matriz africana. Ao mesmo tempo, surgia entre outros músicos e produtores um novo estilo, mais cosmopolita, que iria fazer com que o Reggae alcançasse finalmente o gosto do público internacional.

Até meados dos anos 1970, o Reggae estava muito restrito à Jamaica e às comunidades instaladas em grandes cidades inglesas, americanas e canadenses. Na mesma época em que o ritmo nascia na ilha, os artistas exilados começaram a produzir música, principalmente na Inglaterra,



onde uma forte cena foi construída desde o final dos anos 1960 por nomes como Dandy Livingstone, Laurel Aitken, Winston Groovy e outros. Esta conexão inglesa se tornou uma ponte para o mercado internacional, que seria finalmente atingido com a ascensão do grupo The Wailers.

Com a forte influência das músicas inglesas, o Reggae de Bob Marley e de outros que o seguiram, tomou um rumo mais Rock, tanto é que o primeiro álbum do grupo é considerado um “Reggae internacional”.

### **O Reggae se expande para o mundo**

É este Reggae internacional que serve como referência para grande parte do mundo, um estilo caracterizado pelo uso mais destacado da guitarra, dos teclados e dos instrumentos de sopro, uma versão do ritmo que tem um apelo mais

comercial, porém não abriu mão de conceitos e mensagens próprios do gênero, como a junção entre as mensagens de cunho espiritual e político.

No entanto, as bandas jamaicanas que adotaram esta interpretação do Reggae tiveram que fazer uma escolha entre o mercado interno e a audiência externa. Se, de um lado, o Reggae internacional produziu impacto entre os artistas da Jamaica, por outro, fora rejeitado pelos habitantes locais. Não foram poucos os músicos e produtores que tiveram que emigrar para a Inglaterra ou para os Estados Unidos, enquanto alguns adotavam a “carreira dupla”, gravando álbuns para serem lançados no mercado externo através das grandes gravadoras, outros colocavam nas lojas da Jamaica compactos mais sintetizados com o que estava sendo feito localmente.

Já na segunda metade da década de 1970, o ritmo de Jah estava plenamente adaptado ao cenário internacional. É nessa época também que surgem artistas que tentam minimizar os efeitos da internacionalização, se aproximando mais do Rocksteady. O Rastafarianismo contribuiu de forma direta para aumentar a diversificação do Reggae.

Essa diversificação – e explosão – do Reggae ocorreu até a morte de Bob Marley, em 1981. A partir daí, o Reggae perdeu um pouco da sua essência, ficou desnordeado e por alguns anos esquecido. Reapareceu para o mundo a partir da década de 1990, com as mudanças que ocorrem no cenário político, social e cultural não só da Jamaica, mas também e principalmente fora dela.

Para Léo Vidigal, o Reggae tem,

ainda hoje, um papel marcante: “O Reggae é um gênero musical que vem constituindo laços afetivos como poucos hoje em dia. Mesmo com um envolvimento limitado de intermediários culturais, como as gravadoras, ele inspira manifestações espontâneas por parte de admiradores e divulgadores de sua mensagem, além de incitar a dança e o divertimento. Para a Jamaica o Reggae é uma expressão musical que serve como auto-referência e como referência para o mundo sobre a cultura praticada na ilha”.

E hoje, 40 anos depois daquele ano que não terminou, comemoramos o aniversário de um estilo musical presente na vida de todos. Mais uma estrela musical com origem no Terceiro Mundo a brilhar mundialmente.

#### Para saber mais:

- [www.sobresites.com/Reggae/](http://www.sobresites.com/Reggae/)
- <http://www2.uol.com.br/tribodejah/centralReggae/>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Reggae>
- [www.suapesquisa.com/Reggae/](http://www.suapesquisa.com/Reggae/)
- <http://paginas.terra.com.br/arte/massiveReggae/ska.htm>
- <http://paginas.terra.com.br/arte/massiveReggae/roots.htm>
- <http://nicolReggae.vilabol.uol.com.br/historiadoReggae.html>
- <http://www.professordehistoria.com/historiadoReggae.htm>
- <http://www.jahsonic.com/>

#### Dvd recomendado:

Parte documental de “Bob Marley – The Legend Live”.

#### Leitura recomendada:

Bob Marley – Songs of Freedom

## Entrevista: Leo Vidigal

### *Eclética - Quais os novos caminhos do Reggae?*

Leo Vidigal - É difícil prever, estive na Jamaica em fevereiro de 2008 e pude constatar que as práticas musicais na ilha atualmente são muito condicionadas à dança. Hoje, os dançarinos estão se tornando tão conhecidos quanto os cantores e Djs (na Jamaica equivalentes aos rappers), alguns estão inclusive gravando suas próprias faixas. Por outro lado, o

Reggae se globalizou e vem sendo praticado de muitas maneiras diferentes em todo o mundo, acho que o Reggae também sempre se valeu muito da expressão musical de todas as épocas, não tenho uma visão evolucionista

da música, por isso acho relativo falar em “novos” caminhos.

**E - Para quem quer se dedicar ao estudo deste estilo musical, o que você recomendaria?**

LV - No Brasil, creio ser interessante o trabalho das bandas locais como objeto de estudo e também a produção de alguns

cantores no Maranhão, que, contratados pelos donos das radiolas, cantam em inglês e produzem

para o mercado dos “melôs”, o que é muitas vezes desvalorizado pelos fãs antigos do Reggae. Mas os assuntos correlatos e combinações teóricas possíveis são muito amplos.

**E - Para finalizar, o que você acha de uma revista acadêmica (pois é de uma universidade, apesar dos temas serem abrangentes) como a Eclética falar sobre o Reggae e toda a sua história, cultura e personalidades?**

LV - Acho muito interessante, um indicador de que este tema possui grande potencial para pesquisa em diversas áreas do conhecimento e que deve ser investigado com rigor pela academia. Já estamos tentando contribuir para isso em grupos como o Centro de Estudos Caribenhos do Brasil (CECAB), da Universidade Federal de Goiás, grupo de pesquisa do qual faço parte e que estará promovendo um simpósio internacional em Salvador no final de setembro de 2008.



# A crise dos quarenta

*Quem são os seguidores da religião difundida por Bob Marley há quatro décadas?*

CARLA MAGNO E MARIANA FARIA

**1**968 foi conclamado como o ano do Reggae. Um estilo musical único que não trouxe na bagagem apenas letras e melodia. Mas uma forma de se comportar, vestir, viver e ter fé. Lutar pela paz, carregar uma bandeira. Insígnias do Rastafarianismo.

Em meados dos anos 1920, Marcus Garvey, um jamaicano preso nos Estados Unidos, voltava ao seu país de origem defendendo a tese de que os descendentes de escravos só encontrariam a legítima salvação se retornassem ao continente africano. Uma diáspora inversa que sairia do discurso para fundar os preceitos de uma religião.

Garvey descendia dos Maroons, negros que pertenciam a um quilombo formado por escravos que resistiram por mais de 80 anos ao exército inglês e se tornaram independentes do governo colonial. Líder do movimento negro enquanto esteve em território americano, as idéias de Garvey encontraram eco entre os líderes religiosos da Jamaica e ele ganhou fama de profeta. Sua pregação seguiu como um sopro a uma interpretação livre da Bíblia, em especial, do Velho Testamento. Argumento que justifica a tese de que o Rastafarianismo seria uma mesclagem do Cristianismo com o Judaísmo. Garvey e seus seguidores se “encontraram” na história das tribos perdidas de Israel vendidas aos senhores de escravos da Babilônia. A cada versículo, a cada passagem, uma metáfora resultava em mais uma expressão, em mais uma palavra do vocabulário da religião que se formava. Então, profeta, Garvey predizia um futuro de liberdade para os negros pelas mãos de um rei que traria a redenção.

Se Garvey estava certo, ou não, são argumentos discutíveis. Ainda mais quando se trata de fé. Mas o fato é que em 1931 o quebra-cabeça se montou. O novo rei da Etiópia foi proclamado em uma situação atípica. Com isso, Tafari Makonnen, ganhou dos Rastafáris o prefixo de Ras, título de nobreza etíope atribuído à sua condição de Rei dos Reis, e passou a ser Sua Majestade Imperial o Leão da Tribo de Judá. O rei negro que o profeta anunciara. Makonnen adotou o nome de Hailê Selassie I e recebeu dos seguidores de Garvey, e da religião Rastafári, a insígnia de legítimo herdeiro



Marcus Garvey

ro da antiga linhagem do rei Salomão, que teve um filho com a rainha de Sabá, soberana do reino etíope. Logo, de Rei, Selassie I passou a Deus. Passou a Jah, a abreviação do nome bíblico de Jeovah para designar a encarnação terrena de Deus.

O trecho que confirmaria o destino do novo Rei estava no livro Apocalipse, de São João: “Não choreis!



Haile Selassie

aqui o Leão da Tribo de Judá, a raiz de David, que pela sua vitória alcançou o poder de abrir o livro e desatar seus sete selos” (5:5). Agora, os Rastafáris tinham a quem direcionar suas preces e depositar suas esperanças. E a escolha do país africano não é aleatória. Os etíopes teriam sido o único povo do continente a se manterem livres do jugo europeu, mesmo durante o apogeu do colonialismo.

### **Rastafarianismo como voz de uma minoria**

A esperança dos jamaicanos que aderiam em massa à religião era de se sentirem livres. A mesma liberdade que todo ser humano busca através da crença, da arte, da música, na ânsia de ser eterno e responder a todas as angústias e questionamentos do porquê de estarmos aqui. Ou de por que temos a vida que temos. E se a Jamaica foi o terreno fértil, Garvey foi o grande cultivador da Holy Piby, a Bíblia negra, que serviu como voz, e aparentemente uma voz rouca e quase imperceptível, de grande parte da população de um pequeno país em um mundo no auge de tantas transformações. Mas ao som do Reggae, um outro homem

---

*O mesmo encantamento, que mobilizou jovens e fez o mundo perceber a religião que surgia, se dissipou como a fumaça da cannabis*

---

tão importante quanto Marcus Garvey se tornou um catalisador, um multiplicador em potência máxima da semente do Rastafarianismo pelo planeta.

Daí em diante, comportamentos e atitudes passaram a fazer parte de uma tradição religiosa rasta. Uma religião fundamentada em leituras textuais da Bíblia negra, alimentação orientada pela religião, a não ingestão de álcool, tabaco, carne e tudo o que não fosse “ital”, um termo que significava puro. Os rastas também não cortam e nem penteiam o cabelo, mantendo talvez a mais difundida das tradições: os dreadlocks. Do ritual faz parte a marijuana (maconha) cujo consumo é justificado como um sacramento e um auxílio à meditação. Reconhecida inclusive como o fumo da sabedoria.

### **O Rastafarianismo no novo século**

A história de uma crença nascida para libertar um povo, à primeira vista, poderia ter dado à religião Rastafári um poder e um alcance muito maiores. A narrativa bíblica da terra prometida guiava os negros americanos para a tão sonhada redenção e manifestava um desejo de construir uma sociedade justa. A experiência religiosa dos rastas se desvela como uma imagem da valorização de uma raiz negra na consciência de sua história e na determinação de se tornar agente do seu próprio destino.

Primeiro observamos os fatos e depois os mitos. Mas os mitos do Rastafarianismo ainda vivem no imaginário de milhares de pessoas, embora para outros com um certo ar decadente. O mesmo encantamento, que mobilizou jovens e fez o mundo perceber a religião que surgia, se dissipou como a fumaça da cannabis. Quando observamos jovens brasileiros cantando as canções de Bob Marley, para usar a antiga expressão, “de cor e salteado”, ou vestindo as cores da Etiópia com o “leão de ouro” ao centro, – bandeira da religião Rastafári –, reconhecemos uma atração sim, mas sem o mesmo peso, impacto e envolvimento daqueles que praticavam a religião.

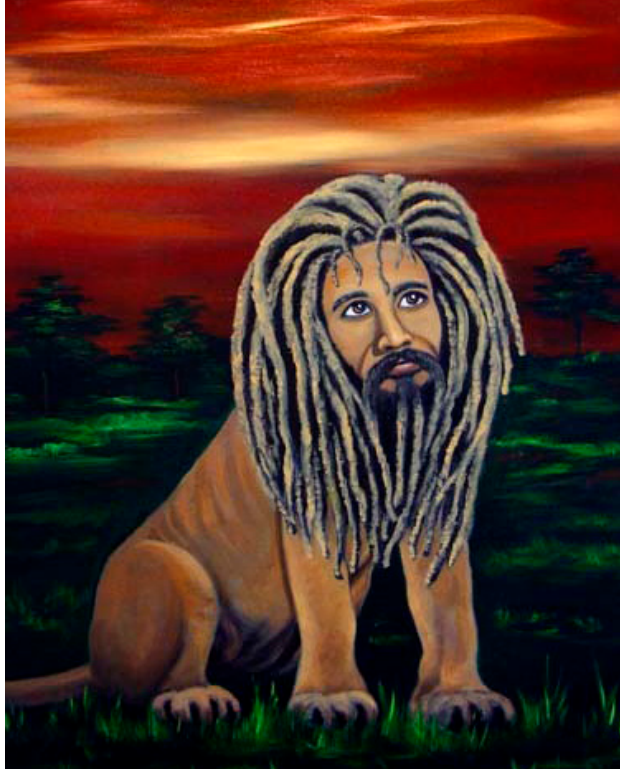
## Religião rasta x comportamento rasta

De acordo com o dicionário Aurélio, religião é uma crença na existência de uma força considerada como criadora do Universo, e que, como tal, deve ser adorada e obedecida. E mais, ainda define como a manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios que envolvem, em geral, preceitos éticos. Como poderíamos incluir nestas definições os jovens, na maioria brancos, de classe média e classe média alta (que dominam o idioma em que Bob Marley canta), tão diferentes dos camponeses negros jamaicanos? Qual ponto de interseção une os que crêem no retorno dos negros libertos à África, daqueles que gostam das músicas e vêem na religião Rastafári uma forma de expressão de insatisfações diversas e de amplitudes diferentes?

A pesquisa para encontrar no Brasil uma pessoa, de qualquer idade ou classe social, que fosse vegetariano, encarasse a vida como uma luta para libertar seu povo e seguisse muitos outros rituais estabelecidos há 40 anos, passou de apuração a uma saga. Os depoimentos eram vagos e até então, ninguém que assumisse a utopia Rastafári como forma de vida.

Em depoimento publicado no ano passado no site Overmundo, – famoso blog do antropólogo Hermano Vianna –, o deputado federal Fernando Gabeira afirma que a biografia do cantor que fez do Reggae “uma lufada de ar fresco para quem tinha saudade dos trópicos”, organizou todos os detalhes da vida de Bob Marley para celebrar uma religião “que não deu tão certo quanto a trajetória estética do cantor”. Para Gabeira, o título soberano de Tafari Makonnen é uma das idéias que Marley iria abraçar e que hoje é “apenas uma ruína”. O deputado questiona como estão hoje os Rastafáris que deixaram a Jamaica em busca da terra prometida. Ele mesmo responde à pergunta afirmando que a cidade de Sashemene, por exemplo, mais parece duas cidades. Uma, dos africanos, com quase 100 mil habitantes. E outra dos rastas, com cerca de 1500 habitantes. Eles ocupam terras dadas por Selassie que hoje foram envolvidas pelo crescimento da cidade espremendo a população rasta que habita lugares na base da grilagem. Lá, os Rastafáris seriam discriminados e hostilizados pelos etíopes. Nem mesmo os dreadlocks seriam aceitos.

Gabeira segue com o texto questionando a atribuição de santidade muitas vezes designada a Bob Marley e argumenta sobre a qualidade do cantor, considerada mais que humana. Tão humanas quanto as de Marcus Garvey. Será que a ausência de um santo é que faz da religião Rastafári hoje em dia apenas um modo de se vestir, pentear os cabelos e fazer música?



*Ilustração do rasta como um ser selvagem*

## Enfim, um remanescente

Já nos últimos dias de apuração, em um domingo de sol na praia do Leblon, um vendedor de pulseiras nas cores da bandeira rasta responde à pergunta com um sonoro não. Ele acha que a religião Rastafári de fato continua a ser de uma minoria, mas porque sempre será de uma minoria. E que, como muitos os que se dizem católicos e apenas foram batizados ou se casaram na Igreja, existem aqueles que apenas aparentam fazer parte da religião Rastafári. Enquanto cobra de três a oito reais pelos adereços, Wilton Ramos, que mora em Bangu com a tia, diz que acredita na libertação do seu povo e que se esforça diariamente para seguir todos os passos da doutrina rasta. Wilton chegou fazer um ano de curso técnico em segurança do trabalho, mas diz que não via sentido no estudo. Prefere a vida que leva agora. Para o vendedor são as músicas de Bob Marley é que mantém viva chama Rastafári. Mas ele não se considera parecido com os jovens que admiram o cantor, mas que sustentam práticas como fumar tabaco ou ingerir bebidas alcoólicas. Muito menos com aqueles “que não lutam pela minoria negra e que são preconceituosos”, reforça Wilton.

Para sua tristeza, se Wilton for ao dicionário de língua portuguesa, um pouco antes da palavra religião poderá encontrar os seguintes significados da palavra Rastafári: 1. adepto do Rastafarianismo; 2. diz-se do adepto do Rastafarianismo; 3. diz-se dos cabelos enrolados em longas madeixas separadas e envoltas em banha; 4. diz-se do cabelo penteado em tranças, e, às vezes, com auxílio de linha.



# Por trás da música, uma manifestação cultural

*Um estilo musical repleto de estilo, gingado e um mundo desconhecido.*

PEDRO ZUAZO E PRISCILA MAROTTI

**7**ranças Rastafári, cigarros de maconha e as cores da unidade africana (vermelho, amarelo e verde) são características simbólicas do Reggae. No início do movimento, há quatro décadas, através de hábitos em comum e pontos de vista compartilhados, era possível definir os participantes do movimento traçando um padrão de comportamento. A partir da década de 1970, entretanto, com a exportação do Reggae para o mundo, esses costumes foram apropriados e tornou-se um árduo trabalho desmistificar a manifestação cultural uniforme que existe por trás desse gênero musical.

Criado no Caribe, uma região de trocas culturais intensas, os próprios idealizadores do estilo musical tinham uma idéia difusa de origem. A criação artística do Reggae, que foi fundamentada em questões políticas e religiosas, não correspondia exatamente às demandas da sociedade envolvente e não teve grande aceitação do povo jamaicano no início. Hoje, o Reggae está presente em todo o mundo e, na Jamaica, é considerado um importante mecanismo de produção de cultura de qualidade.

Quando se fala em uma cultura Reggae, é preciso antes se perguntar o que é cultura e o que é Reggae. A cultura pode ser considera-



*O estilo reggueiro*

da de duas maneiras. Uma delas é aquela que envolve apenas manifestações artísticas, sobre as quais lemos nos cadernos de cultura dos jornais. A outra envolve comportamentos e pontos de vista compartilhados. Já o Reggae pode ser analisado como um tipo específico de música popular que foi praticada na Jamaica e na Inglaterra do final dos anos 1960 até meados dos anos 1980 ou como uma prática musical que foi apropriada por artistas no Brasil, nos Estados Unidos, na África do Sul e na Austrália, que é algo variado e muito mais abrangente.

No entanto, o reconhecimento de uma cultura Reggae só pode ser feito em um âmbito regional, pois as interpretações que diversos povos têm sobre o próprio gênero musical não são iguais. Termos como Jamaica ou Reggae significam coisas diferentes para pessoas diferentes, possuem características culturais regionais, seja a região um país ou uma simples comunidade, agregando pessoas que têm interesses e comportamentos em comum.

## **A ideologia por trás da cultura**

O que muitos não sabem sobre o estilo de vida Reggae é que ele teve sua origem em meio à escravidão e ao sofrimento. Quem ouve o som hoje, nem imagina que os poetas do Reggae surgiram para acabar com o baixo astral de uma dura realidade, e que suas letras eram menos dependentes da música. A cultura Reggae está extremamente ligada à luta contra a escravidão e o racismo. Suas músicas eram feitas para levantar o ânimo do povo jamaicano.

Considerado o embaixador do Reggae no Brasil, Nabby Clifford, natural de Gana, na África, conta que o movimento musical chegou bem depois do movimento cultural e ideológico que já existia em torno do movimento. "O Reggae surgiu para lutar contra o preconceito.

No início nem era dançado. Eram palavras para fortalecer o povo. É uma cultura anti-racista”, explica.

Morador da cidade do Rio de Janeiro há 25 anos, Clifford foi um dos pioneiros do movimento no Brasil e chegou a integrar uma banda de Reggae formada pelos atuais membros dos Paralamas do Sucesso: Bi Ribeiro, João Fera e João Barone. “Quando cheguei ao Brasil, em 1987, o movimento Reggae nem existia. Então comecei a difundi-lo por aqui, primeiro através da banda, depois criei o primeiro programa de Reggae na extinta rádio Fluminense. A partir daí o movimento só foi crescendo”, conta.

O músico explica que o Reggae vai tratar o tempo todo da desigualdade racial, lutando contra esta realidade que, para ele, é bem presente no Brasil. Segundo Clifford, o adepto do movimento Reggae apresenta uma consciência diferente das demais. “O reggaieiro não possui riqueza material, mas tem consciência do pouco que possui e convive bem com isso, pois percebe uma maior importância em outras causas”.

Poucos sabem que uma característica fundamental de quem vive a cultura Reggae é a constante busca pelo conhecimento, pelas origens e consequências da história. “Você não pode ser um Ras-



*O jeito Reggae de ser*

tafári verdadeiro, nem um adepto do Reggae se não gostar de estudar, de pesquisar. Eu tenho uma biblioteca em minha casa, que

serve para me manter sempre bem esclarecido”, diz o embaixador.

### **O estilo Reggae e suas diferentes compreensões**

Que a estética é parecida ninguém pode negar. Os dreadlocks são frequentes, a roupa despojada e até o estilo de andar são semelhantes entre os adeptos do Reggae, onde quer que se vá. Mas o público que esse estilo atinge é bem diferente de país para país.

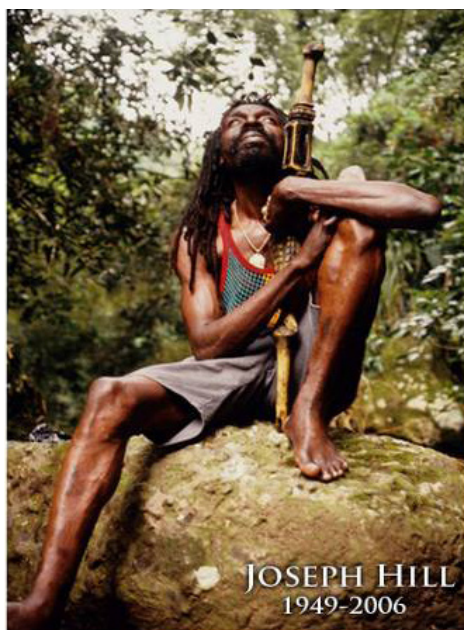
Uma característica notada por Clifford, que já morou na Inglaterra, no Caribe e na Guiana Francesa, antes de vir ao Brasil, é que as camadas populares adep-

---

*Lá na África, o Reggae surgiu como um movimento das classes mais pobres e é, até hoje, predominante dessa camada.*

*Aqui no Brasil, essa realidade é diferente. O estilo é voltado à classe média, e a camada mais pobre não aceita a ideia do Reggae*

---



tentamos penetrar na favela, mas não conseguimos. A cultura das favelas daqui é mais fechada”.

Dentro do Brasil, Clifford já percebe a diferença de mentalidade em cada estado. No Maranhão, estado considerado pioneiro do estilo musical, a ideologia do movimento é quase nula. “O que importa lá é dançar junto, sentir a música”. Já nos estados do Sul e Sudeste, a cultura e as idéias do movimento estão diretamente ligadas às canções. “Aqui nós percebemos um envolvimento com a cultura do Reggae e da Jamaica, que é muito forte”.

Mas dentre as inúmeras possibilidades de se classificar o estilo Reggae, o que é nitidamente percebido é uma unidade na forma de pensar e agir. Quem é adepto do movimento é reconhecido pelos demais. O estilo pacífico e a pouca preocupação com a imposição de uma elite rica, atrelados a uma ideologia anti-racista e ao culto do estilo jamaicano podem, sem dúvida, caracterizar uma cultura que marca o movimento Reggae.

## O Reggae e a arte

As manifestações artísticas e culturais que envolvem o movimento são muitas. Quem se interessa e conhece o Reggae a fundo logo percebe que a música é apenas o início de toda uma filosofia de costumes e hábitos que podem ser transformados em verdadeiras produções de arte. Livros, filmes, fotografias, pinturas, ilustrações e outros estilos procuram dar vida e mostrar que a cultura é mais do que presente dentro deste movimento. 

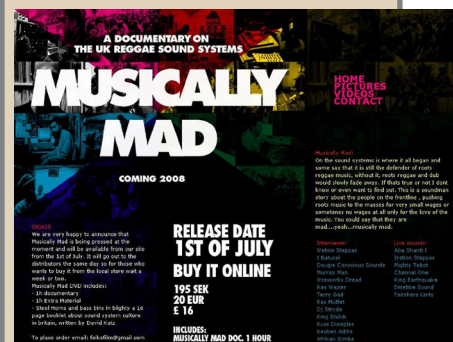


Grafite de Bob Marley

tas da cultura Reggae diferem em cada lugar. “Lá na África, o Reggae surgiu como um movimento das classes mais pobres e é, até hoje, predominante dessa camada. Aqui no Brasil, essa realidade é diferente. O estilo é voltado à classe média, e a camada mais pobre não aceita a idéia do Reggae”, diz.

O “embaixador” explica que a cultura jamaicana foi trazida ao país pelos surfistas brasileiros que viajavam para fora do país e, por isso, esse movimento foi reconhecido pela classe mais alta. “Já

## Reggae é cultura



• O *Musically Mad* é um documentário sobre o mundo do soundsystem no Reino Unido e sobre os guardiões do Roots Reggae, que está sendo produzido atualmente. O documentário, que já inclui mais de 20 entrevistas que vêm sendo feitas desde 2004, também contém filmagens de atuações de vários soundsystems com uma qualidade de áudio superior à que estamos habitados a ter nos documentários realizados até os dias de hoje.

A data de lançamento do documentário estava, originalmente, prevista para o final de fevereiro de 2008.

Mas, segundo o realizador, Karl Folke, a equipe reuniu um material maior que o esperado, e resolveram fazer uma versão mais longa do que o planejado.

O lançamento do DVD está previsto para acontecer em breve e já pode ser encontrado on-line no site oficial ([www.musicallymad.com](http://www.musicallymad.com)), onde quem quiser pode acompanhar a evolução do projeto e ver alguns cliques.



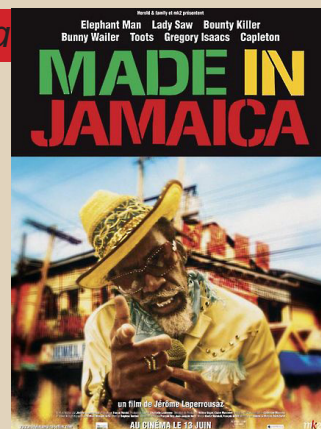
## Reggae é cultura

## Reggae é cultura

## Reggae é cultura

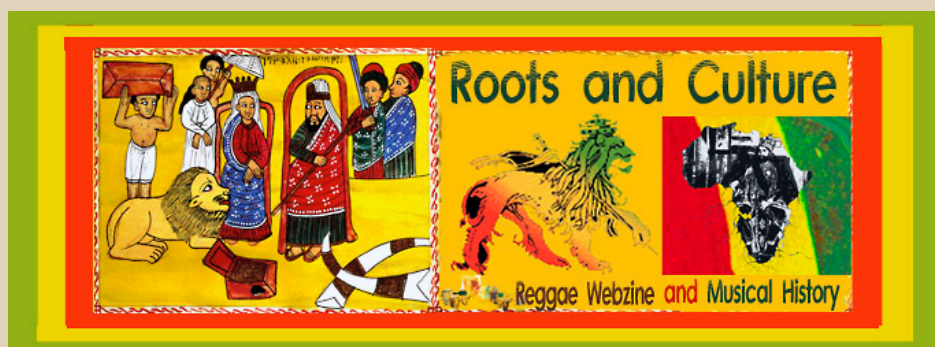
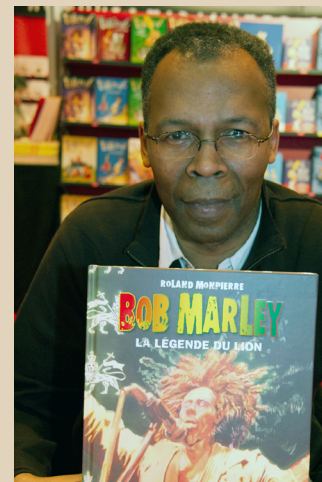
- O lançamento de *Made in Jamaica* no cinema, e agora em DVD, significou um grande avanço para os amantes do Reggae. Em princípio, a ambição deste documentário era apresentar o estilo musical Reggae tal qual ele é hoje em dia, oscilando entre o Dancehall e o Roots.

Para quem quer conhecer mais a cultura Reggae, este é um filme interessante. O documentário apresenta, em meio à excelente estética de filmagem, o contraste surpreendente entre os artistas de Dancehall, a sua energia em palco (o "live" de Elephant Man em Amsterdã restitui muito bem os concertos do Energy God), a sua vontade de ser rebelde, mas também a sua reprodução das influências do Hip-Hop Americano. Bem diferente da mensagem consciente e revolucionária de Bob Marley. O que se vê são os estilos oriundos deste único estilo.



- Roland Monpierre acaba de publicar o seu terceiro trabalho dedicado a Bob Marley. Após *Rebel Music* e *Bob Marley la légende des Wailers*, o desenhista acaba de publicar *Bob Marley - La légende du Lion*. Fruto de diferentes investigações realizadas na Jamaica, a obra convida a descobrir diferentes aspectos da vida de Bob. A idéia é mostrar não só a música, mas o que se passa na mente do lendário cantor de Reggae. Sendo um artista

reconhecido, espera através da sua música poder influenciar sobre a política do seu país. A obra começa em 1972, no fim do seu grupo *The Wailers*, passeia por 1976, nos concertos para a paz, e vai até aos anos 1980, no auge do sucesso na África, quando o dinheiro, a música e a política estão a todo vapor atrás de Bob, que saberá, no entanto, impor-se como um líder carismático excepcional, um porta-voz dos pobres, a grande estrela do Terceiro Mundo.



- Esse outro documentário é mais um para os pesquisadores e interessados pela cultura Reggae e pelos ritmos jamaicanos, que têm tido uma profunda influência no mundo e na sua cultura. Através da força, personalidade e espiritualidade, a música Reggae conquistou o planeta.

Veiculado pela BBC no

aniversário de 40 anos da independência da Jamaica, Reggae: a história da música Jamaicana testemunha o movimento do Reggae durante as últimas quatro décadas, seguindo os passos humanos e culturais constantes em Kingston, Londres e Estados Unidos.

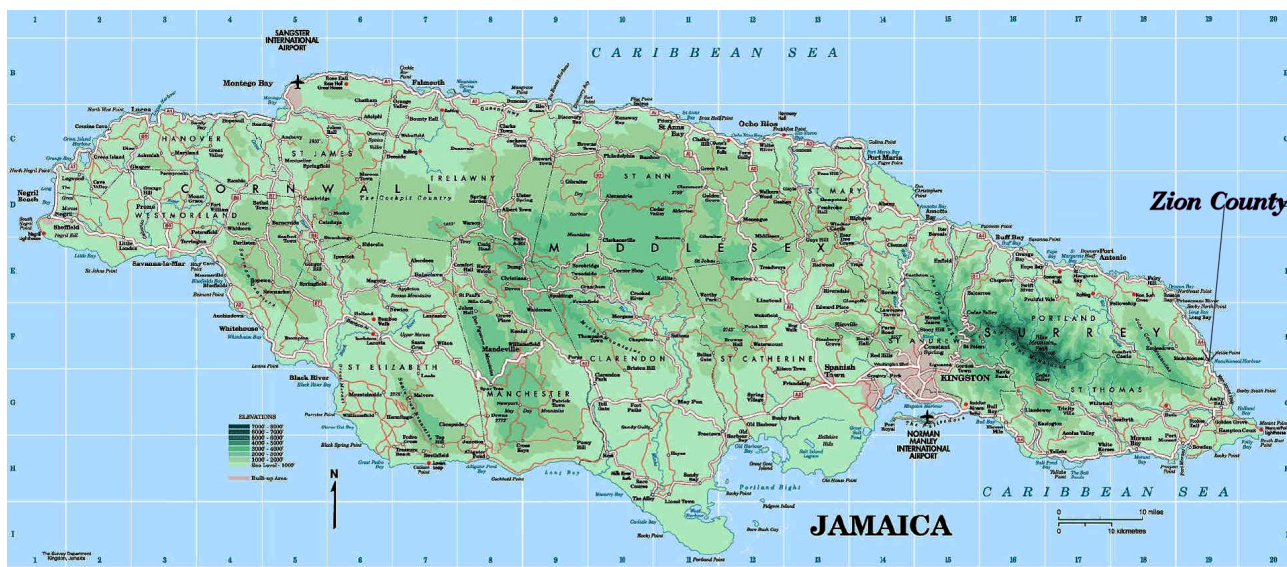
Lloyd Bradley, seu autor, enaltece a história social e política de uma gente novamente independente e de seus irmãos espalhados pelo Reino Unido e América, com uma expressão surgida de uma arte, a música Reggae.

O documentário conta com entrevistas exclusivas das principais figuras do Reggae: Prince Buster e Coxsone Dodd, Bob Marley, Sly & Robbie, Shabba Ranks, entre outros. Também presta especial tributo aos produtores, DJ's e aos fãs, revelando que o espírito jamaicano é indomável e conduziu o desenvolvimento da música, do Ska ao Reggae e à música Dancehall de hoje em dia.

# Jamaica, terra que amamos

*Não só de Bob Marley se constrói uma nação*

GABRIELA PACHECO E JULIANA BRANCO



**A** ilha de 11.425 km<sup>2</sup> das Grandes Antilhas, na América Central, vai além do Reggae e da cultura Rastafári. Mais do que suas belezas naturais, a Jamaica tem a mostrar o resultado das transformações políticas, econômicas e culturais desde a descoberta de Cristóvão Colombo, em 1494. Conhecer o país de Bob Marley também pode gerar surpresas.

Inflações altas, cultura de exportação agrícola e exploração de riqueza mineral tornam a história jamaicana familiar aos brasileiros. Dos colonizadores espanhóis para as mãos dos ingleses, em 1670, a Jamaica tornou-se produtora de açúcar, centro de contrabando, e no século XVIII, caminho das rotas do tráfico de escravos africanos. A abolição da escravatura, em 1833, e o fim dos privilégios aduaneiros jamaicanos, 13 anos mais tarde, arruinaram os plantadores, o que gerou emigração para Cuba, e para os EUA. Em 1870, a cultura da banana e grandes companhias estrangeiras, como a United Fruit, foram implantadas na ilha.

Na política, uma Constituição foi outorgada em 1884, mas nenhuma grande mudança ocorreu, já que o

poder permaneceu sob controle dos proprietários brancos.

Mas foi justamente um branco, Alexandre Bustamante, em aliança com seu primo Norman W. Manley, o primeiro líder político jamaicano a propor verdadeiras modificações.

Em seis de agosto de 1962, após quase três séculos sob domínio inglês, a Jamaica passa oficialmente a ser uma nação independente. Contudo, os jamaicanos não se desvinculam da coroa britânica ao permanecerem membro da Commonwealth, o que significa seguir o modelo político de monarquia parlamentarista, no qual a rainha Elizabeth II é a chefe de Estado.

A ilha chega a 2008 com 27 milhões de habitantes, a subsistência é baseada na produção de café e açúcar e tem a bauxita como principal fonte de receita, mas pouco valorizada pelo mercado internacional. Aposta-se agora no turismo como atividade econômica essencial para o país. E viajar para lá não é nada tão complicado. Segundo o consulado jamaicano no Rio de Janeiro, não é necessário visto de turismo para até 30 dias de viagem. Para uma estadia maior que um mês, deve-se conseguir o visto agen-



*Praia de Negril*



*Praia de Negril*



*Praia de Montego Bay*

dando um encontro com a cônsul Maria Pia, pelo e-mail [mariapia@bastostigre.com.br](mailto:mariapia@bastostigre.com.br), pagar 60 dólares e apresentar um comprovante do pacote turístico da viagem. As filas não são longas, o visto sai na hora e a cônsul atende na cidade do Rio de Janeiro e São Paulo. Para embarcar s    necessário tomar a vacina contra a febre amarela.

Para a estudante universitária da PUC-Rio Carolina Vaisman, 21 anos, a vontade de visitar o país vai além do Reggae, embora goste deste tipo de música. "Tenho vontade de ir porque quando a gente fala so-

bre a Jamaica, parece um lugar muito distante, mas na verdade   próximo. A cultura peculiar e as belas paisagens me atraem", explica Carolina.

A Jamaica recebe, todos os anos, muitos turistas devido à sua diferente e bela biodiversidade (fauna e flora). Montego Bay, uma das praias mais famosas do país, é conhecida pelos resorts luxuosos e pela infra-estrutura que tem para receber os visitantes. Em Negril, o turista tem um contato maior com o povo local, artesanato e costumes t picos. A região possui 11 km de praias paradisíacas e um pôr-do-sol dos

mais bonitos, segundo o turista Alessandro Serozini: “A beleza de Negril não tem precedentes, é inimaginável que aquilo exista. Quero voltar, com certeza”.

O brasileiro ainda conheceu a capital Kingston, Montego Bay, Negril, Ocho Rios y Nine Miles. As cidades trazem o calor do povo jamaicano por meio de sua música e cultura. “A população da Jamaica é muito receptiva e alegre, quero voltar lá mais vezes”, afirma Alexandre.

### Uma salada étnica bem temperada

Para apreciar qualquer paisagem, não se pode estar com fome. E a comida jamaicana é uma experiência turística por si só.

Geralmente muito apimentada, a culinária jamaicana é uma mistura de muitas tradições étnicas, influenciadas pela cultura indígena, espanhola, chinesa e inglesa. O prato mais tradicional é o arroz com feijão ou arroz com ervilhas, ambos cozidos em leite de coco. No cardápio, não pode faltar ackee, uma fruta regional que, quando cozida parece com ovos mexidos. O bammy frito, uma espécie de massa de mandioca em formato de panqueca, também não pode ficar de



Ackee, fruta regional

fora. Um típico almoço jamaicano tem que ter patty, um tipo de pastel cozido feito com massa de carne e pão. As refeições costumam durar aproximadamente uma hora, nas áreas rurais. As famílias se reúnem para cear por volta das seis da tarde.

O prato mais conhecido e popular entre os jamaicanos é o jerk, termo usado para descrever o processo de cozimento da carne que é marinada e cozinhada lentamente em uma churrasqueira. Esta, por sua vez, é feita com uma madeira especial, deixando a carne com um sabor diferente. Depois da refeição, a sobremesa não poderia faltar. Banana grelhada, pudim de batata doce e goiabada com queijo são as preferidas da população.

Na Jamaica, chá é qualquer bebida quente ou fermentada. Pode ser de ervas, misturada com rum, leite e até peixe. Dentre as bebidas geladas muito populares está o Sky Juice, feito de gelo raspado temperado com xarope, além da água de coco (direto da fruta). Cerveja e rum são as bebidas alcoólicas mais procuradas e o café jamaicano das Montanhas Azuis está entre os mais saborosos do mundo.



## O nó na Língua

*A Jamaica é a terceira nação mais populosa das Américas a ter o inglês como idioma oficial, superada apenas pelos Estados Unidos e o Canadá. Mas, há também o patuá, dialeto que mistura o inglês com termos africanos, portugueses e espanhóis.*

Meu amigo – *Mi fren*  
 Pequeno – *Likkle*  
 Mãe – *mada*  
 Perguntar – *ax*  
 Pai – *fada*  
 Menino – *bwoy*  
 Comer – *Nyam*  
 Menina – *Gal*



## As cores da Jamaica

*Em vez de vermelho, verde e amarelo, as cores da Jamaica são verde, amarelo e preto.  
As cores da cultura Rastafári, por ser difundida mundialmente, por vezes  
se confundem com as cores que representam o país.*

### Rastafári

**Vermelho** - a igreja dos Rastas e o sangue dos mártires negros;

**Verde** - vegetação da Etiópia;

**Amarelo** - abundância da terra natal.



### Bandeira nacional

**Preto** - a força e criatividade do povo jamaicano;

**Verde** - esperança para o futuro e riqueza agrícola;

**Ouro** - a luz solar e a riqueza natural do país.



## Jamaica divina

*"Pai eterno, abençoe nossa terra/ guie-nos com tua poderosa mão" (trecho do hino Land we love, (Terra que amamos, da Jamaica).*

*A letra do hino da Jamaica, escrita por Hugh Sherlock, já indica que o povo jamaicano acredita em um ser maior e benévolo. Os jamaicanos têm completa liberdade religiosa em seu país. Muito é comentado sobre a crença Rastafári, mas cerca de 60,9% da população jamaicana é cristã, sendo a maioria protestante. Por ter tantas religiões em um território pequeno, a Jamaica é conhecida com o lugar com mais igrejas por quilômetro quadrado. Apesar dessa diversidade de crenças, os jamaicanos convivem pacificamente, os líderes costumam concordar sobre os assuntos mais variados e estão sempre juntos em atos ecumênicos.*

# O Reggae de raízes brasileiras

*Considerado mais que um estilo musical, ritmo conquista cada vez mais seguidores em território nacional*

MARCELA MAIA E PEDRO CAPDEVILLE



*O grupo AfroReggae com seus padrinhos Regina Casé e Caetano Veloso.*

**N**o final dos anos 1960 surge uma nova geração de músicos tentando novos jeitos de tocar o Rocksteady, atenta aos cânticos Rastafáris que puxavam pelo lado africano, enfatizando a repetição rítmica, ou assumidamente ligada ao movi-

mento. Com a pressão social em alta voltagem nas ruas, nasce enfim o Reggae, inicialmente gravado Reggay. Como nessa época o Rastafári ganhava corpo na sociedade da Jamaica, foi quase natural que ele fizesse do Reggae sua manifestação pública, e Bob

Marley, em sua infatigável cruzada, levasse ao mundo os princípios deste misto de religião e atitude política. No fim dos anos 1960, Caetano Veloso cantaria que desceu a Portobello Road, em Londres, ao som do Reggae, o que foi estabelecido como a primeira

menção à palavra “Reggae” na música brasileira. Experiências com o ritmo foram tentadas por Jards Macalé, Luís Melodia e outros, mas foi Gilberto Gil quem levou tal influência mais a sério, vendendo mais de 500 mil cópias do compacto de *Não chores mais*, a versão brasileira de *No woman no Cry* de Bob Marley. Enquanto isso, no Pará, Maranhão e na Bahia o Reggae também começava a conquistar certo espaço, o que pode ser explicado pela semelhança dos ritmos locais com o da ilha caribenha, que afinal veio da mesma raiz: a África.

Apresentado ao ritmo por um vendedor de discos paraense, o dono de radiola Riba Macedo começou a apresentar o Reggae entre os forrós e merengues que tocava em São Luís. Logo o som caiu nas graças dos maranhenses. No Rio, São Paulo e Belo Horizonte, alguns bailes Reggae surgiram nas periferias. Chico Evangelista cantou o *Reggae da independência* e Raimundo Sodré ficou famoso com o Reggae *A massa*, cantado em um festival no início dos anos 1980. Bob Marley vem ao país e promete voltar com o Inner Circle para uma turnê em toda a América Latina. Peter Tosh se apresenta com grande sucesso no Festival de Jazz de São Paulo. Quando o Reggae parecia que iria conquistar de vez o Brasil, morre seu maior idealizador, Bob Marley no início dos anos 1980. Para muitos era a morte do Reggae, pois o estilo musical foi e ainda é muito escorado pelos seus personagens e pela cultura Rastafári. Marginalizado, o Reggae se recolheu ao *underground*, mas não ficou parado.

As primeiras bandas e fã-clubes brasileiros começam a surgir. Marco Antônio Cardoso funda o Fã-Clube Bob Marley de São Paulo e Mariano Ramalho o do Rio.



A banda Tribo de Jah conquistou o público brasileiro com o ritmo jamaicano

Em Belo Horizonte, Mauro França inicia o Fã-clubê Massive Reggae. Em Recife aparece o Grupo Karetas. Edson Gomes na Bahia, Luís Vagner, Jualê e os Walking Lions em São Paulo começam a sua trajetória. Muitos outros grupos aparecem a partir da segunda metade dos anos 1980, em grande parte por causa do sucesso dos Paralamas do Sucesso, que sempre tiveram uma grande influência do Reggae em sua música. No Maranhão, surge a Tribo de Jah. Os programas de rádio também tiveram grande influência na divulgação do Reggae. Vale citar o “Batmacumba”, de Nelson Meirelles e os programas de Maurício Valladares, no Rio.

Nos anos 1990, bandas como Cidade Negra e Skank levaram o ritmo a um novo público, fazendo sucesso em todo o país e iniciando carreira internacional. Tribo de Jah e Edson Gomes também levam um grande público a suas

apresentações. Atualmente existe mercado para a música Reggae, porém esse espaço ainda é muito diminuto e o estilo sonoro sofre preconceito pela associação do Reggae com as drogas.

A banda Reggae Style que surgiu no início dos 1990, em meio ao caos de São Paulo, é composta por jovens da periferia inspirados pela filosofia cultural Rastafári: “Enfática na harmonia ecológica e no amor ao próximo, encontra na música o caminho para propagar seus ideais através do ritmo”, explica o vocalista Carlos Dread. Em 2003, a banda firmou-se no cenário nacional com o lançamento do seu primeiro CD intitulado *Em meio ao caos*, assinado pelo Selo Central Reggae e distribuído pela Indie Records.

A banda, além de trabalhar seus discos, participa também em turnês e shows de Norte a Sul do país, marcando presença nas principais cidades brasileiras, a exemplo de



Gilberto Gil em seu show *Kaya N'Gan Daya*, tributo a Bob Marley.

Fortaleza, Natal, Juazeiro do Norte, Florianópolis, Curitiba, Goiânia, Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Salvador, muitas vezes participando de grandes festivais como o República do Reggae (BA), Ceará Music (CE), Festival Internacional, Maratona do Reggae, Grito de Carnaval de São Paulo, Reggae na Charles Muller, e dezenas de outros, muitas vezes dividindo o palco com as grandes estrelas nacionais e internacionais tais como Tribo de Jah, Peter Brogs (Jamaica), Jota Quest, Natiruts e O Rappa.

Julio J-Bay, tecladista da banda, aconselha aos músicos de bandas Reggae que estudem e conheçam a cultura rasta para progredir musicalmente. “Sentam a música, ensaiem, busquem na fonte do Reggae da Jamaica, conheçam a cultura rasta, aprendam as notas musicais, leiam a Bíblia – Salmos de Davi, esse é o caminho para o Reggae verdadeiro. Agora, se querem sucesso, passem cera nos cabelos, escrevam músicas falando de praia, maconha, e amor superficial que é certeza que virá” – afirma.

## AfroReggae: um projeto social

Entre as bandas de Reggae no Brasil destaca-se o AfroReggae, que fez o caminho inverso de outras bandas. Ela surgiu através de um projeto social criado em 1993, na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro. O grupo cultural AfroReggae, que gravita em torno do Reggae, tem como foco a divulgação e a valorização da cultura negra voltada para jovens ligados nos ritmos musicais como Reggae, Soul, Hip hop e outros. O objetivo do AfroReggae era ter maior intervenção com a população afro-brasileira, atuando, principalmente, na comunidade de origem de seus membros: Vigário Geral. Foi criado também o Núcleo Comunitário de Cultura, para iniciar no local suas atividades de amparo a jovens carentes e com potencial de se envolver com a criminalidade, que passavam a integrar projetos sociais motivados por atividades

como dança, percussão, futebol, reciclagem de lixo e capoeira. Logo após a chacina de Vigário Geral, em agosto de 1993, os fundadores e a comunidade perceberam ainda mais a necessidade de uma evolução do projeto social do AfroReggae como instrumento de representação, defesa e auxílio para a comunidade. A partir deste momento, o projeto consolidou-se e, em 1997, o núcleo contou com apoio de personalidades como Caetano Veloso e Regina Casé.

Com o passar do tempo, o AfroReggae vem crescendo e hoje já atua em quatro comunidades: Vigário Geral, Morro do Cantagalo, Parada de Lucas e Complexo do Alemão. Em entrevista à TV UOL, José Junior, fundador e coordenador do AfroReggae, conta que atualmente o grupo lida com 73 projetos, 10 bandas de música, duas trupes de circo e um grupo de dança e teatro.



MAURICIO VALLADARES



Paralamas do Sucesso: precursores do Reggae no Brasil



# Ícone do Reggae se mantém vivo

*O Reggae surgiu há 40 anos, mas as mensagens de Bob Marley ecoam até hoje nas novas e velhas gerações*

GABRIEL TORRES E LUÍSA PONTES

**H**á cerca de 40 anos, nascia na Jamaica o Reggae, estilo musical que revolucionaria a cultura local e levaria mensagens de paz e amor aos quatro cantos do planeta. Quinze anos antes, nascia o maior expoente do Reggae de todos os tempos: Bob Marley. Até hoje, o ídolo jamaicano povoa o imaginário de gerações que sequer chegaram a conhecê-lo, mas que ouvem suas mensagens através dos mais de 18 discos e *singles* gravados por ele.

O ano de 1945 marcou dois acontecimentos importantes: o fim da 2ª Guerra Mundial e o nascimento de um dos músicos pacifistas mais conhecidos da História, Bob Marley. Depois destes dois eventos o mundo nunca mais seria o mesmo. A guerra criou uma nova ordem mundial, e Bob Marley tentou mudar o mundo sozinho. Fruto da miscigenação entre uma jamaicana de apenas 18 anos e um capitão inglês cinquentenário, Robert Nesta Marley veio ao mundo no dia 6 de fevereiro daquele ano, numa pequena

vila ao Norte da Jamaica. Nascia o primeiro *popstar* do Terceiro Mundo, que, através de suas melodias, perpetuou os ideais Rastafári, como paz, amor e liberdade, a todos os continentes.

A infância pobre serviu como inspiração para muitas das composições de Bob, carregadas de crítica social em defesa das nações do Terceiro Mundo. Passou sua infância na favela de Trench Town, junto com outros meninos de rua e, em especial, seu amigo Neville O'Riley Livingston, mais conhecido como Bunny, com quem começou a fazer música com latas e guitarras improvisadas em casa. O som que os dois garotos faziam era influenciado pelas emissoras do sul dos Estados Unidos, que conseguiam captar nos seus rádios e que tocavam músicas de artistas como Ray Charles, Curtis Mayfield, Brook Benton e Fats Domino, além de grupos vocais como The Drifters, que eram muito populares. Nessa época, Bob conseguiu um emprego numa funilaria, mas já tinha a música como grande objetivo de sua vida.



Em 1962, Bob Marley foi ouvido por um empresário musical chamado Leslie Kong que, impressionado pelo talento do jovem cantor, o levou a um estúdio para gravar algumas músicas. A primeira delas, *Judge Not*, logo foi lançada pelo selo Beverley's. No ano seguinte, Bob decidiu que o melhor caminho para alcançar o sucesso era fazer parte de um grupo, chamando para isso Bunny e Peter para formar os Wailing Wailers. O ritmo da moda na Jamaica então era o Ska. Os Wailing Wailers lançaram o seu primeiro single, *Simmer Down*, pela gravadora Coxson no fim de 1963, e em janeiro a música já era a mais tocada na Jamaica, permanecendo nessa posição durante dois meses. O grupo então era formado por Bob, Bunny, Peter, Junior Braithwaite e dois *backing vocals*, Beverly Kelso e Cherry Smith.

A mãe do guitarrista e compositor juntou dinheiro para realizar o sonho de levá-lo à América. Mas, às vésperas de embarcar, ele conheceu Rita Anderson e em 10 de fevereiro de 1966 eles decidiram se casar. Marley passou apenas oito meses com a mãe antes

de retornar à Jamaica, onde começou um período que teve importância especial no resto de sua vida. Em abril de 1966 o imperador da Etiópia fez uma visita à Jamaica e renovou as forças do Rastafarianismo na ilha. Seis meses depois Bob chega a Kingston e se envolve no movimento. A partir de 1967 suas músicas começam a refletir seu novo estilo de vida.

Os hinos dos Rude Boys deram lugar a uma crescente dedicação às canções espirituais e sociais que se tornaram a pedra fundamental do seu real legado. Bob, então, convidou Peter e Bunny para novamente formarem um grupo, agora chamado The Wailers. Rita também começava sua carreira como cantora com um grande sucesso chamado *Pied Piper*, cover de uma canção *pop* inglesa. A música jamaicana, entretanto, havia mudado. A frenética batida do Ska estava dando lugar a um ritmo mais lento e sensual conhecido como Rocksteady. A nova crença Rastafári dos Wailers os fez criar um novo selo, o Wail'N'Soul, já que as músicas Rastafáris da banda iam de encontro às idéias da gravadora deles. Mas,



Em 1978, Bob Marley faz o primeiro-ministro jamaicano Michael Manley e o líder da oposição Edward Seaga darem as mãos no palco

apesar de alguns sucessos, os negócios dos Wailers não foram muito bem e o selo faliu no fim de 1967. Entretanto, o grupo sobreviveu, a princípio como compositores de uma companhia associada ao cantor americano Johnny Nash que, na década seguinte, faria um grande sucesso com *Stir It Up*, composta por Bob.

Os Wailers então conheceram um homem que revolucionaria o seu trabalho: Lee Perry, cujo gênio produtivo havia transformado as técnicas de gravação em estúdio numa arte. A associação Perry / Wailers resultou em algumas das melhores gravações da banda. Músicas como *Soul Rebel*, *Duppy Conqueror*, *400 Years* e *Small Axe* deram nova direção ao Reggae. Em 1970, Aston 'Family Man' Barrett e seu irmão Carlton (baixo e bateria, respectivamente) se uniram aos Wailers. Eles eram o núcleo da banda de estúdio de Perry e haviam participado de várias gravações do grupo. Os irmãos eram conhecidos como a melhor seção rítmica da Jamaica, *status* que continuariam ostentando pela década seguinte. Os Wailers eram então reconhecidos como um grande sucesso no Caribe, mas ainda não internacionalmente.

No verão de 1971, Bob aceitou o convite de Johnny Nash para acompanhá-lo à Suécia, ocasião em que assinou contrato com a CBS, que também era a gravadora do americano. Na primavera de 1972, todos os Wailers já estavam na Inglaterra, promovendo

ostensivamente o *single Reggae on Broadway*, sem alcançar bom resultado. Como última tentativa, Bob entrou nos estúdios da Island Records, que havia sido a primeira a dar atenção ao crescimento da música jamaicana, e pediu para falar com o seu fundador, Chris Blackwell. Blackwell conhecia a fama dos Wailers e o grupo estava fazendo uma proposta irrecusável. Eles adiantariam 4 mil libras para gravar um álbum, para que uma banda de Reggae tivesse acesso, pela primeira vez, às mais avançadas técnicas de gravação e fosse tratada como eram as bandas de

---

*Na tarde do concerto, atiradores  
invadiram a casa de Bob e o alvejaram.  
Na confusão, os tiros apenas feriram  
Marley, que foi levado a salvo às  
montanhas na cercania da cidade*

---



Momento de descontração de Bob, passando as mãos pelos cabelos. Os dreads eram uma das marcas registradas do “Charles Wesley dos Rastafáris”, como ele ficou conhecido

Rock da época. Antes dessa proposta, as gravadoras achavam que um grupo de Reggae só vendia em *singles* ou compilações com várias bandas. O primeiro álbum dos Wailers, *Catch A Fire*, quebrou todas as regras: uma linda embalagem e um forte esquema promocional. Era o começo de um longo caminho para a fama e o reconhecimento internacional. Embora *Catch A Fire* não tenha sido um *hit* instantâneo, o álbum teve grande impacto na mídia.

O ritmo marcante de Marley, aliado às suas letras militantes, faziam contraste ao que estava sendo feito então. Além disso, a Island promoveu uma turnê do grupo na Inglaterra e nos Estados Unidos, o que era uma completa novidade para uma banda de Reggae. Os Wailers chegaram a Londres em abril de 1973, embarcando em uma série de apresentações que mostraria sua qualidade como banda de shows ao vivo. Após três meses, o grupo voltou à Jamaica e Bunny, desencantado com a vida na estrada, se recusou a tocar na turnê americana. No seu lugar entrou Joe Higgs, o velho professor de canto dos Wailers. A turnê americana incluía, além de algumas casas de espetáculo, a participação em alguns shows de Bruce Springsteen e de Sly & The Family Stone, a principal banda de música negra americana do momento. Mas depois de quatro shows os Wailers se destacavam mais do que as bandas principais. O grupo foi então para San Francisco, onde a rádio KSAN transmitiu uma apresentação ao vivo que só foi lançada pela Island em 1991, com o álbum comemorativo *Talkin' Blues*. Em 1973 o grupo também lançou o

seu segundo álbum pela Island, *Burnin*, um LP que incluía novas versões de algumas das suas músicas mais antigas, como: *Duppy Conqueror*, *Small Axe* e *Put It On*, junto com faixas como *Get Up*, *Stand Up* e *I Shot The Sheriff* (música que virou sucesso internacional na voz de Eric Clapton, em 1974).

Naquele mesmo ano, Marley passou grande parte do seu tempo no estúdio, trabalhando nas sessões que resultaram no álbum *Natty Dread*, que incluía músicas como *Talkin' Blues*, *No Woman No Cry*, *So Jah Seh*, *Revolution*, *Them Belly Full (But We Hungry)* e *Rebel Music (3 o'clock Roadblock)*. Porém, no início de 1975, Bunny e Peter deixariam definitivamente o grupo para tentar carreiras solo enquanto a banda começava a ser conhecida como Bob Marley & The Wailers. *Natty Dread* foi lançado em fevereiro de 1975 e logo a banda estava novamente na estrada. A composição harmônica perdida com a saída de Bunny e Peter havia sido substituída pelas I-Threes, um trio feminino composto pela esposa de Bob, Rita, Marcia Griffiths e Judy Mowatt. Entre os concertos, os mais importantes foram as duas apresentações no Lyceum Ballroom de Londres, lembradas até hoje entre as melhores da década. Os shows foram gravados e logo o disco, juntamente com o *single No Woman, No Cry*, estava nas paradas de sucesso. Em novembro, quando Marley voltou à Jamaica para tocar num show beneficente com Stevie Wonder, ele já era obviamente o maior *superstar* da ilha. *Rastaman Vibrations*, o álbum seguinte, lançado em 1976, atingiu o topo das paradas americanas e é considerado por muitos a mais clara



exposição da música e das crenças de Bob. O LP incluía músicas como *Crazy Baldhead*, *Johnny Was*, *Who The Cap Fit* e, talvez a mais significativa de todas, *War*, cuja letra foi extraída de um discurso do Imperador Hailè Selassie nas Nações Unidas.

Com o sucesso internacional, cresceu a importância política de Bob Marley na Jamaica, onde a fé Rastafári expressada por sua música alcançava grande parte da juventude dos guetos. Como forma de agradecimento ao povo da ilha, Bob decidiu dar um concerto aberto no Parque dos Heróis Nacionais de Kingston, em cinco de dezembro de 1976. A idéia era enfatizar a necessidade de paz nas ruas da cidade, onde as brigas de gangues estavam causando confusão e mortes. Logo após o anúncio do show, o governo convocou eleições para o dia 20 de dezembro. Isso deu nova força à guerra no gueto e, na tarde do concerto, atiradores invadiram a casa de Bob e o alvejaram. Na confusão, os tiros apenas feriram Marley, que foi levado a salvo às montanhas na cercania da cidade. Apesar de tudo, ele resolveu fazer o show e subiu ao palco para uma rápida apresentação, em desafio aos seus agressores, mas se estendeu por mais de uma hora. Logo após o show ele deixou o país para viver em Londres, onde gravou seu próximo álbum, *Exodus*.

---

**“Às vezes construímos  
sonhos em cima de grandes  
pessoas. O tempo passa, e  
descobrimos que grandes  
mesmo eram os sonhos, e, as  
pessoas, pequenas demais  
para torná-los reais...”**

BOB MARLEY

---

Lançado no verão daquele ano, *Exodus* consolidou o status internacional da banda, ficando nas paradas da Inglaterra por 56 semanas seguidas e tendo seus três singles – *Waiting In Vain*, *Exodus* e *Jammin’* – com grandes vendas. Em 1978, a banda capitalizou novo sucesso com *Kaya*, que alcançou o quarto lugar na Inglaterra logo na semana seguinte ao lançamento. O álbum mostrava um novo ângulo de Marley, com uma coleção de canções de amor e homenagens ao poder da “Ganja”. Do álbum foram extraídos dois singles: *Satisfy My Soul* e *Is This Love*. Ainda em 1978 aconteceriam mais três eventos de extraordinária importância para Marley. Em abril, ele voltou à Jamaica para o One Love Peace Concert, quando fez com que o primeiro-ministro Michael Manley e o líder da oposição Edward Seaga se dessem as mãos no palco. Bob foi então convidado para ir à sede das Nações Unidas, em New York, para receber a Medalha da Paz. E, no fim do ano, visitou a África pela primeira vez, indo inicialmente ao Quênia e depois à Etiópia, o lar espiritual do Rastafarianismo. A banda havia recém-terminado uma turnê pela Europa e América que rendeu o segundo álbum ao vivo: *Babylon By Bus*. *Survival*, o nono álbum de Bob Marley pela Island foi lançado no verão de 1979. Ele incluía *Zimbabwe*, um hino para a Rodésia, que logo seria libertada, além de *So Much Trouble In The World*, *Ambush In The Night* e *Africa Unite*. Como indica a capa, que contém as bandeiras das nações independentes, *Survival* foi um álbum em homenagem à solidariedade pan-africana.

Em abril de 1980, o grupo foi convidado oficialmente pelo governo do recém-libertado Zimbábue para tocar na cerimônia de independência da nova nação. Essa foi a maior honra oferecida à banda e



demonstrou claramente a sua importância no Terceiro Mundo. O próximo disco da banda, *Uprising*, foi lançado em maio de 1980. A faixa *Could You Be Loved* teve sucesso imediato. O álbum também trazia *Coming In From The Cold*, *Work* e a extraordinária faixa de encerramento, *Redemption Song*. Os Wailers então embarcaram na sua maior turnê europeia, quebrando recordes de público pelo continente. A agenda incluía um show para 100 mil pessoas em Milão, o maior da história da banda. Bob Marley & The Wailers eram a maior banda na estrada naquele ano e *Uprising* estava em todas as paradas da Europa. Era um período de máximo otimismo e havia planos para uma turnê pela América no final do ano em companhia de Stevie Wonder.

No fim da turnê europeia, Marley e a banda foram para os Estados Unidos. Bob fez dois shows no Madison Square Garden, mas logo após caiu seriamente doente. Três anos antes, em Londres, ele havia ferido o dedo do pé jogando futebol, mas não tratou da doença antes por sua devoção ao Rastafarianismo, que proibia o corte de qualquer parte do corpo humano. Um câncer desenvolveu-se no local do ferimento e, apesar de ter sido tratado em Miami, continuou a progredir. Em 1980, o câncer, em sua forma mais virulenta, começou a se espalhar pelo corpo de Bob. Ele controlou a doença por oito meses, fazendo tratamento na clínica do Dr. Joseph Issels, na Bavária. O tratamento de Issels era controverso por só usar remédios naturais e não-tóxicos e, por algum tempo, pareceu estabilizar a condição de Bob. Entretanto, rapidamente a luta começou a ficar mais difícil. No começo de maio, ele deixou a Alemanha para voltar à Jamaica, mas não completou a viagem.

Bob Marley morreu num hospital de Miami na segunda-feira, 11 de maio de 1981. No mês anterior,

Marley havia sido agraciado com a Ordem do Mérito da Jamaica, a terceira maior honra da nação, em reconhecimento à sua inestimável contribuição à cultura do país. Na quinta-feira, 21 de maio de 1981, o Honrável Robert Nesta Marley O. M. recebeu um funeral oficial do povo da Jamaica. Após o funeral – assistido tanto pelo Primeiro-Ministro como pelo líder da oposição – o corpo de Marley foi levado à sua terra natal, Nine Mile, no norte da ilha, onde agora descansa em um mausoléu. Bob Marley morreu aos 36 anos, mas a sua lenda permanece viva até hoje.

Cada fã tem diferentes argumentos para admirar o legado de Marley. “Eu o admiro pelos ideais, pela devoção, pela luta, pelo amor, pela rebeldia, pela força e, principalmente, por me fazer ver o lado certo da vida. Serei, hoje e sempre, seu seguidor de alma. Obrigado, pai, por eu poder contar a meus filhos que um dia existiu um homem, uma estrela, um sonhador e um mito, chamado Robert Nesta Marley”, afirma o estudante Juliano Aidano, 21 anos. Já a estudante Carolina Siqueira, 18 anos, nem era nascida quando o ídolo morreu, mas ela jura que sente saudades do ícone do Reggae. “Ele partiu e não conseguiu ver o que queria, que era igualdade social, mas ele deixou essa missão em nossas mãos... Vamos mostrar a igualdade independente de qualquer coisa: raça, religião, ou classe social. Até porque ninguém é melhor do que ninguém!”, afirma Carolina. O estudante Sidney Coimbra, 26 anos, declara que o legado que Marley deixou transcende as fronteiras da música. “Bob não era simplesmente um cantor, e sim, um orador, portanto é impossível ouvir as mensagens do Bob, sentir as palavras, saber o que significam as letras e não sentir os arrepios. Acho que o Reggae deveria ser mais ouvido pela sociedade, garanto para muitos que é melhor que a dança do ‘Créu’”, declara. 

## DISCOGRAFIA

- *Judge Not* (1961)
- *Simmer Down* (1964)
- *Keep On Skanking* (1967)
- *Soul Rebels* (1970)
- *Satisfy My Soul* (1972)
- *Catch a Fire* (1973)
- *Rock to the Rock* (1973)
- *African Herbsman* (1973)
- *Live Jam'* (1973)
- *Burnin'* (1973)
- *Natty Dread* (1974)
- *Live!* (1975) - gravado no Lyceum Theatre, Londres
- *Rastaman Vibration* (1976)
- *Exodus* (1977)
- *Kaya* (1978)
- *One Love Concert* (1978)
- *Babylon by Bus* (1978)
- *Survival* (1979)
- *Uprising* (1980)
- *Live At Rockpalast* (1980)
- *Chances Are* (1981)
- *Confrontation* (1983)
- *Legend* (1984)
- *The Final Concert* (1985)
- *Talking Blues* (1991)
- *Natural Mystic* (1995)
- *Chant Down Babylon* (1999)
- *One Love-The Very Best of Bob Marley & the Wailers* (2002)



As músicas de Bob Marley (foto) transmitem mensagens recheadas de paz, amor e crítica social

# Reggae de raiz na terra da rainha

***Maior banda não-jamaicana, os ingleses do UB40 disseminam o Reggae no Reino Unido***

LUCAS MARSHALL E NATHÁLIA CLARK

**S**e alguém dissesse que o código de um documento do fundo de desemprego inglês deixaria de ter sua única denominação careta para ser sinônimo de Reggae de primeira linha, você cairia nessa? O UB40 nasceu em uma fila da Segurança Social Britânica e uniu cidadãos multi-raciais no mesmo tipo de situação que transforma um lema tradicional na expressão “emprego ou morte”. O discurso político-social através da música explica-se por esta raiz sofrida, que popularizou o ritmo jamaicano entre os ingleses brancos de classe operária. O ano era 1978.

A trajetória da banda cruza com a linha do tempo da história do Reggae. Nascido no auge da disseminação mundial do estilo musical, o inglês UB40 é hoje (e desde sempre) a maior banda de Reggae não-jamaicana do mundo.

Na Jamaica, Bob Marley ultrapassava as fronteiras caribenhas para conquistar o mundo depois da versão popularizada pela guitarra de Eric Clapton. *I Shot the Sheriff* ganhava o planeta enquanto o UB40 mudava o seu rumo na Inglaterra. Por volta de 1980, uma turnê nacional ao lado do grupo *The Pretenders* alavancou a carreira da banda, que até então tenta-



O vocalista Ali Campbell, um dos brancos do UB40

va construir um nome dentro do gueto musical britânico. O Reggae começava a desfrutar das regalias de uma aceitação mais aberta, que contagiava aos poucos com o balanço tranqüilo e a marcação característica da guitarra.

Consequentemente veio o primeiro contrato: a gravadora era conhecida como Graduate. Os singles *Food for Thought*, focado na pobreza do Terceiro Mundo, e *King*, em homenagem a Mar-

tin Luther King, eram os favoritos do público nas performances ao vivo. O primeiro *hit*, lançado durante a turnê e sem os benefícios do *marketing*, foi direto para o *top five* das paradas musicais. Logo após esta degustação inicial do sucesso, o primeiro álbum foi para as prateleiras em setembro de 1980 com o título *Signing Off* estampado em vermelho, que, traduzido, faz uma referência ao ato de conseguir emprego.



Características como as origens em West Midlands, a opção pelo som jamaicano e a diversidade cultural da banda fizeram o UB40 ser conhecido dentro do movimento enraizado no Ska, no Rocksteady e no Reggae caribenho. Mas a sonoridade sofisticada deste CD de estréia deixou claro que eles tinham algo de diferente para mostrar.

Segundo André Derizans, vocalista e líder da banda carioca André Derizans & Zion Band, o grupo tem seu mérito principalmente por ter sido um dos pioneiros em introduzir o estilo musical na tradicionalíssima terra da Rainha. Ele afirma que o ingresso do Reggae no mercado britânico se deu através de um processo longo e lento, pois foi trazido por imigrantes jamaicanos radicados na Inglaterra.

“Essa grande concentração de descendentes de jamaicanos na Inglaterra atraiu no final da década de 1970 o interesse de promotores em trazer atrações do Reggae jamaicano como Jimmi Cliff, Bob Marley and the Wailers. Já no começo da década de 1980, Peter

Tosh se apresentou no Palácio de Buckingham”, conta Derizans.

Surgia nessa época uma nova geração de músicos, filhos desses imigrantes que, apesar do sotaque jamaicano, tinham facilidade de comunicação devido ao inglês, idioma falado na Jamaica também. De acordo com Derizans, essa nova geração tinha como expoentes o UB40, Steel Pulse, Aswad, logo após Pato Banton e Apache Indian entre outros. Ele define o UB40 como uma “excelente banda, com nítida influência do Reggae raiz jamaicano”.

Com integrantes jamaicanos e descendentes, o UB40 quebrou as barreiras do preconceito que havia contra músicos de origem caucasiana tocando Reggae. Segundo André Derizans, a gravação de versões Reggae de músicas conhecidas no mercado internacional catapultou a banda, internacionalizando um novo estilo de Reggae com um tempero pop.

Nessa época, muitos músicos jamaicanos e amantes do Reggae raiz criticavam o novo estilo como se não fosse Reggae autêntico sem saber que esse acontecimento se

repetiria em vários países do mundo, sendo criadas diferentes misturas entre o Reggae jamaicano e os muitos ritmos de diversas origens. Cada país com seu tempero, como se deu com o Reggae brasileiro, por exemplo, tocado pelas bandas Cidade Negra e Natiruts.

A evolução foi rápida e, na sequência, no final dos anos 1980, o UB40 perdeu o contrato com a Graduate e formou sua própria gravadora, a DEP International. A consequência mais óbvia atrelada ao poder de comandar um estúdio particular veio em seguida. A criatividade dos integrantes explodia em novidades e a segunda cria musical não demorou a chegar. Em menos de nove meses após o lançamento do primeiro disco, *Presents Arms* já estava sendo rodado e sua versão dub saiu do forno logo depois.

O mergulho na versão eletrônica do Reggae agregou ao UB40 um caráter inovador, e este compromisso em estudar as vertentes do gênero se concretizou no terceiro álbum da banda britânica, o *UB44*, uma edição limitada que só foi lançada na Inglaterra. Um

ano mais tarde, em 1983, a série de *Labour of Love*, composta de três álbuns, entrava em cena em forma de tributo aos músicos que inspiraram e influenciaram o som do grupo.

O sucesso se propagou aos anos 1990. O álbum *Promises and Lies*, no qual foi produzido o hit *Can't Help Falling In Love*, vendeu mais de nove milhões de cópias ao redor do mundo e tornou-se o mais vendido em toda a história do grupo. Pela terceira vez, a banda era número um nas paradas do Reino Unido. O UB40 reafirma seu compromisso com o Reggae no *UB40 Present The Dancehall Album*, com colaborações de ícones jamaicanos como Beenie Man e Lady Saw.

Em 2003, depois de gravar mais um álbum de estúdio em 2001, o UB40 recebe o Ivor Novello Award for International Achievement, prêmio que assegurou um "Top Ten" álbum, com a "Coleção de Platina": uma caixa tripla que englobava toda a série de *Labour of Love*. Sua 22ª produção, *Homegrown*, inclui a música que se tor-

nou hino oficial do time de rugby da Inglaterra, vencedora do campeonato mundial de 2003. A melodia se transformou no 49º *single* do grupo a tomar conta do Reino Unido. As únicas bandas que emplacaram mais *hits* do que eles são *The Shadows*, *Status Quo* e *Queen*.

Em abril de 2005, o grupo se une a Roger Daltrey, Eric Clapton e John Mayer para fazer o primeiro concerto no Royal Albert Hall em ajuda à campanha de apoio a adolescentes com câncer (Teenage Cancer Trust). Depois dessa performance, a banda foi convidada a tocar no evento Live8, em Londres, junto com U2, Pink Floyd, Coldplay, Madonna, Robbie Williams e The Who. Uma bem-sucedida turnê no Reino Unido, Irlanda e Europa completa o ano.

Em 2005, no 25º aniversário de sua primeira gravação, eles tornaram a fazer o que mais sabem. Com o 23º álbum – *Who You Fighting For*, que, como os anteriores, atinge o equilíbrio perfeito entre o pessoal e o universal – voltaram a ser simplesmente o UB40.

O *tour* continuou em 2006, com a banda visitando países como Moçambique, Austrália, Nova Zelândia, as ilhas do Pacífico (Nova Caledônia, Tahiti, Tonga, Fiji), Hawaii e seguiu para os Estados Unidos e Canadá. O grupo passou os últimos anos fazendo o que muitas outras bandas fariam. Tendo vendido mais de 50 milhões de álbuns e se tornado estrelas mundiais, eles abriram as asas e diversificaram-se.

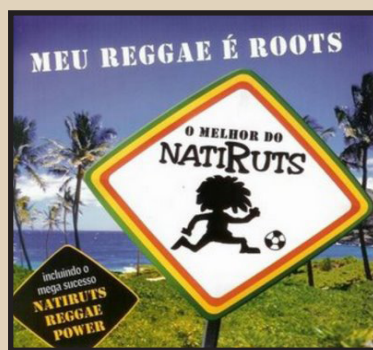
Durante os 25 anos de existência, o UB40 – com James Brown na bateria; os irmãos Ali e Robin Campbell nos vocais e na guitarra; Earl Falconer no baixo, vocais e teclados; Norman Lamont Hassan na percussão e vocais; Brian Travers no saxofone e nos arranjos de corneta; Michael Virtue nos teclados e Astro nos vocais – manteve o compromisso de disseminar e popularizar o Reggae mundo afora. Durante esse processo, eles nunca deixaram de dar prazer a um público vasto demais para ser definido por idade, geração, estilo, raça ou tribo.



## Influências do UB40 no Brasil

Foi a partir do UB40 que bandas não-jamaicanas em diversos locais do planeta solidificaram o Reggae como parte da cultura desses lugares e abriram um mercado internacional explorado por outros grupos de diversas nacionalidades e principalmente jamaicanas, possibilitando um grande intercâmbio de shows ao vivo entre esses países, despertando consequentemente o interesse das gravadoras e rádios pelo Reggae.

Especificamente no Brasil, o Reggae se incorporou à cultura muito facilmente pela semelhança com nossos ritmos. Luis Gonzaga, através do xote e do baião, já abria caminho, antes até de Gilberto Gil, considerado por muitos como o pai do Reggae no Brasil, com suas versões de Bob Marley e muitas músicas inspiradas no Reggae. A proximidade da cidade de São Luiz ao Caribe



favoreceu a chegada do Reggae no Brasil, fazendo da capital do Maranhão o principal canal de entrada do Reggae no Brasil.

"Do Maranhão a São Paulo, da Tribo de Jah e Natiruts aos paulistas Jai Mahal e China Kane, todos incorporaram as influências também do UB40 na formação de seu 'próprio Reggae', abrindo caminho nas rádios. Bandas como Walking Lions marcavam o início de uma era Reggae no lugar onde talvez seja o maior e mais fiel mercado do

Reggae brasileiro, São Paulo", afirma André Derizans. Para ele, seguramente o Reggae veio pra ficar e não é mais uma moda de verão. "É um estilo de vida que une gerações com muita positividade, fazendo com que o Reggae tenha o menor índice de violência em shows de grande porte com vários festivais espalhados pelo Brasil".